Parla!

GROU

São chamados de Grou várias espécies de aves de uma mesma família, a *Gruidae*. São aves de pernas compridas e asas longas, podendo chegar a quase um metro de altura e pesar até 12 kg. Habitam diversas regiões do globo, com exceção do continente americano e da Antártida. Comunicam-se entre si com potentes vocalizações e alimentam-se de acordo com o que está disponível no seu habitat, desde frutas e pequenos insetos, até mesmo peixes, anfíbios e pequenos roedores. Põem, em média, dois ovos por estação de acasalamento e, por isso, são consideradas aves ameaçadas de extinção (FORSHAW, 1991). O Grou passaria desapercebido na maioria das vezes, constando apenas como um exemplar da variadíssima fauna de nosso planeta, não fosse seu uso ostensivo na iconografia da religião budista.

GROU, O SER MITOLÓGICO

Para os chineses, o grou é um pássaro associado com a morte e a passagem da alma, simbolizando um elo entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (Moorey, 2012, p. 107). Junto com a tartaruga, também é um símbolo comum de longevidade. Diz uma lenda chinesa que Tseng Tsan, discípulo de Confúcio, poupou a vida de um grou ferido, durante uma caçada. Este retornou com seu par, e cada um presenteou Tseng Tsang com uma pérola, em retribuição à sua bondade (Ferguson, 1964, p. 104). Influenciados pela tradição chinesa, os japoneses incorporaram o grou também como um símbolo de longevidade, em associação com o pinheiro, um símbolo de prosperidade (Ferguson, 1964, pp. 348-349).

Robert Beer (2003) atesta que o grou começa a aparecer na iconografia do budismo tibetano a partir do século XVIII, também como um símbolo de longevidade. Ocorrendo sozinho, em pinturas ou esculturas, significa contentamento com uma vida reclusa; em pares, simbolizam felicidade, fidelidade e longevidade. Isso se dá porque acredita-se que o grou possui apenas um parceiro por toda a vida, e tem uma alta expectativa de vida. A longevidade do grou também o garante como a ave que transporta as almas para o paraíso.

Grou
Tailândia, século XIX
Bronze fundido e vazado
Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

O GROU DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A escultura de Grou em exposição na Casa Museu Eva Klabin tem origem tailandesa e é datada do século XIX. É feita de bronze fundido e vazado, e por esta técnica percebemos o esmero do artesão. Seu corpo possui diversas texturas e padrões, como placas de uma armadura. Suas asas, mesmo fechadas, parecem longas e ameaçadoras, cortantes como uma lâmina. Sua cauda é comprida e cheia, possuindo o formato e a ondulação de uma chama. Somente as longas pernas e a cabeça são lisas, porém não menos imponentes. No bico, carrega um sino preso a uma corrente, o instrumento que anuncia sua chegada ao paraíso, com as almas dos mortos. É um animal temível, sim, mas que não amedronta. Impõe ao espectador, na verdade, a figura solene de sua função como ave mediadora entre o plano terreno e o plano espiritual.

Luciano Migliaccio (2007) associa o Grou da CMEK com a figura do Garuda, ave antropomorfizada herdada pelos tailandeses da tradição hindu (Stratton, 2004). Tem o bico, as asas, a cauda e as patas de uma águia, mas o torso e a cabeça de um homem. Criatura fantástica associada com o sol, é considerado o rei de todas as aves e a montaria de Vishnu, acompanhando o deus hindu em diversas batalhas e feitos heroicos (Williams, 2008). O atributo do Garuda como ave solar ressoa na escultura do Grou, ao lembrarmos de sua cauda em formato de chama.

Migliaccio chama a atenção para o fato de que Garuda "é também o símbolo da palavra alada" (2007, p. 188). George Williams (2008) corrobora esse fato, explicando que o nome Garuda, em sânscrito, tem origem na raiz verbal *gri*, que significa *falar*. Garuda seria, portanto, "a personificação das palavras mágicas (*mantra, rik*). Portanto, era sobre as asas de Garuda que se alcançava o reino dos deuses (tanto os mantras, quanto o 'indivíduo'...)" (Williams, 2008, p. 138, trad.). Isso caracterizaria o Garuda como um mensageiro, intermediário entre os homens e os deuses, da mesma forma que o Grou.

Garuda
c. século XI
Pedra
Colcata, Museu Indiano (IN)

Ishnu montado em Garuda
c. séc. VIII-IV
Pedra
Colcata, Museu Indiano (IN)

OUTRAS MANIFESTAÇÕES DE AVES MITOLÓGICAS NA ICONOGRAFIA BUDISTA

A Tailândia, origem da peça em exibição na CMEK, possui uma variedade de representações de aves mitológicas, associadas à religião budista. Pela importância atribuída a ele na mitologia hindu, o Garuda é uma figura recorrente em templos tailandeses. Também é usado como símbolo da monarquia tailandesa. Hoje uma monarquia constitucional moderna, os primeiros reis da Tailândia estabeleceram-se dentro da tradição Devaraja, a divinização dos monarcas como avatares do deus Shiva.

Muito comum também é o *hong*, uma ave mítica comumente associada tanto com o ganso de cabeça listrada, quanto com cisnes (Dave, 2005, pp. 422–447). Também conhecido como *hamsa*, ou *arayanna* (Stratton, 2004; Williams, 2008),

Emblema real da Tailândia
Wikimedia Commons

é considerado uma *vahana* (montaria) do deus Brahma (Stratton, 2004, p. 357; Williams, 2008, p. 89). Possui longo pescoço e cauda em formato de chama. Podem ser encontrados nos umbrais das portas e em janelas de monastérios. Possuem também lugar de destaque no telhado dos templos, atuando como um mensageiro entre os homens e os deuses, como indica Carol Stratton: “Considerado um intermediário entre o homem e os deuses, o *hong* geralmente segura uma corda ou cipó em seu bico, de onde pende uma folha de Bodhi, cujos movimentos elevam as preces terrenas para os céus” (Stratton, 2004, p. 358, trad.).

A peça em exibição na Casa Museu Eva Klabin assemelha-se muito a um *hong*, com a distinção de que, no lugar do ramo com a folha da *árvore do despertar*, o grou traz no bico um sino preso a uma corrente. Não é possível determinar o motivo dessa substituição. Pode-se apenas deduzir, a partir do caráter solene do sino nas cerimônias budistas, que essa substituição está relacionada a um chamamento ao enlevo espiritual, conceito caro à tradição budista:

> No budismo, sinos possuem vários significados de importância. São geralmente usados como um convite à oração, já que podem ser ouvidos mesmo em grandes distâncias. O soar do sino pode representar a voz celestial e iluminada do Buda a ensinar a Dharma, e também pode ser usado como um chamado protetivo, uma forma de espantar maus espíritos. São por essas razões e significados que os sinos do mundo antigo são artefatos de valor inestimável, especialmente porque muito poucos sobreviveram (Kaiser, 2014, trad.).

Pássaro Hong
Templo de Wat Puak
Chiang Mai, Tailândia
(Cf. Stratton, 2004)

Pássaro Hamsa (Hong)
c. séc. XIX
Sião, atual Tailândia
Metal branco
São Petersburgo,
Museu Hermitage (RU)

Por fim, há ainda uma última criatura alada da tradição budista tailandesa, que é o *hatsadiling*. Semelhante ao *hong* pela cauda, asas e cabeça, possui a distinta iconografia de uma cabeça com tromba e presas de elefante. É usado em cerimônias fúnebres no norte da Tailândia, onde o corpo, transportado em carros enfeitados como essa criatura, é levado dos templos até os crematórios. “Assim, o *hatsadiling* veio a tornar-se o símbolo de passagem entre uma forma de ser para uma outra” (Stratton, 2004, p. 358, trad.). O ocidental pode olhar essa criatura e lembrar de uma divindade muito popular do hinduísmo, que é o Ganesha. Essa associação encontra algum respaldo nas tradições orientais, visto que Ganesha, na mitologia hindu, é o deus que prepara caminhos e remove obstáculos, tanto no mundo material, quanto no mundo espiritual (Courtright, 1985), o que reforçaria o simbolismo fúnebre do *hatsadiling*.

Carro fúnebre enfeitado com o hatsadiling
Wikimedia Commons

Bibliografia

COURTRIGHT, Paul B. Ganesa: *Lord of Obstacles, Lord of Beginnings*, New York: Oxford University Press, 1985.

DAVE, KN (2005). *Birds in Sanskrit Literature*. Motilal Banarsidass, 2005.

DEVARAJA. In: *Enciclopaedia Brittanica*. Disponível em https://www.britannica.com/topic/devaraja.

FORSHAW, Joseph (Org). *Encyclopaedia of Animals: Birds*. London: Merehurst Press, 1991.

GETHIN, Rupert. *The Foundations of Buddhism*. Oxford University Press, 1998. citação árvore do despertar, página 22.

KAISER, Douglas. *Buddhists Bells and Statues – Presentation*. In: Art in the Modern World. Cornell University Summer Session. 23 de junho a 1 de agosto de 2014. Disponível em http://blogs.cornell.edu/aitmw2014/2014/08/06/713/.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

STRATTON, Carol. *Buddhist Sculpture of Northern Thailand*. Tailândia: Silkworm Book; EUA: Buppha Press, 2004.

WILLIAMS, George M. *Handbook of Hindu Mythology*. Oxford University Press, 2008.

MOOREY, Teresa. *Understanding chinese mythology*. EUA: McGraw-Hill, 2012.

FERGUSON, John Calvin. *Chinese and Japanese mythology.* EUA: Cooper Square Publishers, 1964.

BEER, Robert. *A Handbook of Tibetan Buddhist Symbols*. EUA: Serindia Publications, 2003.